

Algumas considerações sobre a possibilidade de um enfoque antropológico na filosofia de Ludwig Wittgenstein

LEANDRO SOUSA COSTA*

Resumo

Afirmar uma ciência antropológica na filosofia de Ludwig Wittgenstein é um equívoco. Este artigo vai apresentar algumas considerações que nos permitirá evidenciar um enfoque antropológico em sua filosofia da linguagem, especificamente em seus *textos tardios*. O texto desloca-se da filosofia *tractatiana*, com a doutrina da correspondência lógica entre linguagem e mundo, à filosofia de *Investigações*, com o seu contexto pragmático; onde os usos que fazemos de nossa linguagem são emoldurados pelos acordos estabelecidos em uma comunidade de fala. Ao homem é permitido falar não somente sobre o mundo, mas sobre si mesmo. Vemos, com isso, a possibilidade de refletir sobre a questão antropológica em seu pensamento, quando o filósofo assume a tarefa de reconduzir a nossa linguagem de “seu uso metafísico ao seu uso cotidiano.”

Palavras-chave: linguagem; semântica; pragmática; antropologia.

Abstract

To say that there is such a thing as an anthropological science in Ludwig Wittgenstein's philosophy is a mistake. The present article will bring evidence to light that will enable us to show an anthropological insight in his philosophy of language, especially when it comes to his later works. The text moves from the Tractatus philosophy, with a doctrine stating there is a logical correspondence between language and the world, to that of Investigations, with its pragmatic context; where the uses of how language is used are framed by the compliance of the members of a given speech community. To the Man it is allowed to speak not only about the world, but about Himself. Therefore, it will be possible to reflect upon the anthropological aspect of Wittgenstein's work, when the author starts to bring language from metaphysics back to its day-to-day uses.

Key words: language; semantics; pragmatics; anthropology.

* LEANDRO SOUSA COSTA é Mestre em Filosofia e professor da Universidade Estadual do Paraná.

1. Introdução

Um problema filosófico tem a forma: não consigo achar o meu caminho.

Ludwig Wittgenstein. (IF § 123)

É inegável que todo conhecimento está diretamente ligado à questão etnográfica. O pensamento deve estar constantemente ligado aos fatos do mundo, mas precisa também estar em sintonia com o conhecimento e as opiniões que derivam de perguntas impostas por desafios culturais. Uma das marcas que conduzem essa reflexão se dá em torno dos vínculos de ação práticos que estabelecemos em nossa comunidade de fala. Tais vínculos criam as possibilidades de representação para uma comunicação entre os sujeitos falantes e, sem dúvida, para descrever a experiência do estar no mundo. Essa perspectiva nos levará a uma questão antropológica que, neste artigo, será evidenciado a partir da filosofia tardia de Ludwig Wittgenstein.

Afirmar uma ciência antropológica na filosofia wittgensteiniana é um equívoco. O que podemos apontar no texto de *Investigações Filosóficas* e em seus *textos tardios*, e esse é o nosso objetivo aqui, são elementos gerais que nos permitem estabelecer uma reflexão de cunho antropológico em sua filosofia da linguagem. O pensamento do filósofo vienense possui duas matrizes fundamentais e para dar conta da tarefa proposta, nosso texto, inicialmente, vai apresentar o deslocamento ocorrido no pensamento do nosso filósofo. Da filosofia *tractatiana*, com a doutrina da correspondência lógica entre linguagem e mundo, à filosofia de *Investigações*, com o seu contexto pragmático. Esta segunda obra será pontualmente explorada, no intuito de perceber que os conceitos de *jogo de linguagem*, *seguimento de regra* e *formas de vida*, tratados pelo filósofo, são amalgamados em uma perspectiva de ordem

pragmática, onde os usos que fazemos de nossa linguagem são emoldurados pelos acordos estabelecidos em nossa comunidade de fala. Nessas breves considerações, veremos que ao homem é permitido falar, não somente sobre o mundo, mas sobre si mesmo. Vemos, com isso, a possibilidade de refletir sobre a questão antropológica em seu pensamento, quando o filósofo assume a tarefa de reconduzir a nossa linguagem de “seu uso metafísico ao seu uso cotidiano.”

2. Wittgenstein: da semântica à pragmática

Com seu retorno à filosofia, a partir da década de 30, Wittgenstein assume uma nova postura¹ a respeito da compreensão da linguagem e de seu funcionamento. Ela deixa de ser entendida como *figura* e passa a ser entendida por meio das *regras* estabelecidas em um contexto para inserir a palavra em nossa vida. O texto *Observações sobre o ramo dourado*², escrito nesse período,

¹ O segundo momento filosófico de Wittgenstein inicia-se entre os anos de 1929 e 1930. Suas perspectivas filosóficas modificaram-se completamente, apesar do problema permanecer o mesmo. Esse momento é caracterizado pela orientação pragmática na concepção da linguagem, conhecida também por “filosofia tardia” de Wittgenstein. Cf.: BUCHHOLZ, Kai. **Compreender Wittgenstein**. Petrópolis: Vozes, 2009.; VALLE, Bortolo. **Wittgenstein: a forma do silêncio e a forma da palavra**. Curitiba: Champagnat, 2003.; CHILD, William. **Wittgenstein**. Porto Alegre: Penso, 2013.

² Essa obra apresenta as reflexões de Wittgenstein sobre o texto *O Ramo de ouro* (1911) do antropólogo inglês James Frazer (1854-1941) que traz algumas considerações sobre magia e religião. Nas notas wittgensteinianas essa temática é correlacionada com outros elementos, a saber: matemática, lógica, psicologia, linguagem, música, arquitetura. As observações do filósofo são

inaugura uma segunda fase do seu pensamento e, por meio das reflexões nele contidas, é possível notar uma mudança de perspectiva assumida pelo filósofo, onde a concepção essencialista e exclusivista da linguagem, registrada no *Tractatus Logico-Philosophicus*³ (TLP, 5.5563), dá lugar a uma noção *variável* e contextualizada da linguagem, nos quais seus significados serão produzidos por meio de sua aplicação nas diversas situações vivenciais do cotidiano. Houve, portanto, um deslocamento na maneira de compreender o funcionamento da linguagem: de uma concepção essencialista para uma concepção pragmática do significado da linguagem. Há, pois, um rompimento com a concepção de linguagem que influenciou a tradição filosófica, a saber, a concepção designativa da linguagem. Não se pergunta mais pela *coisa* por detrás da palavra, aquilo que é conhecido pela sua essência. Moreno nos apresenta:

Após o *Tractatus*, (...), o filósofo não mais considera a linguagem como uma entidade fixa da qual se pudesse exibir a essência através

contundentes e soam com um forte caráter antropológico. Aqui referimo-nos à essa obra para mostrar que nasce daí o interesse de Wittgenstein por antropologia e esse tema dará contorno para os temas discutidos em sua segunda filosofia.

³ *Tractatus Logico-Philosophicus* foi a única obra publicada por Wittgenstein em 1921. Um texto sobre filosofia da lógica, filosofia da matemática, ética, estética e psicologia. Na filosofia *tractarianiana* a ordem no mundo é dada com o auxílio de uma linguagem lógica. (TLP, 5.557). Entre linguagem e mundo há uma correspondência isomórfica, pois há uma estrutura lógica presente em ambos. A linguagem, por meio das proposições, afigura a realidade. As proposições verdadeiras e com sentido são capazes de dizer sobre as coisas dispostas no mundo. A lógica e a matemática formam a armação do mundo e são, segundo Wittgenstein, pseudoproposições. Por fim, o filósofo assevera: “sobre aquilo que não se pode falar, deve-se calar” (TLP, 7).

de um simbolismo formal. A linguagem passa a ser considerada como um caleidoscópio de situações de uso das palavras em que o contexto pragmático não pode ser mais eliminado. A palavra “linguagem” indica, a partir de então, um conjunto aberto de diferentes atividades envolvendo palavras, uma “família” de situações em que usamos palavras relativamente a circunstâncias extralinguísticas. (1993, p. 15)

É possível, assim, apontar que esse deslocamento no modo de filosofar wittgensteiniano é animado por uma espécie de concepção antropológica⁴ onde as práticas dos seres humanos no cotidiano sustentam as relações internas dos significados e dos usos que fazemos da linguagem. Nessa ótica, o contexto passa a ser um ponto estratégico na medida em que a ação e a comunicação tornam-se um ato concreto, engendrados pelo conjunto das regras e das convenções socioculturais. Ao aprendermos uma linguagem, nos tornamos membros de uma comunidade de fala que é detentora de práticas sociais estabelecidas e com a qual compartilhamos dos critérios para tal realização. Hacker afirma que tal perspectiva permite dizer que: “são as práticas normativas de uma comunidade de fala o que fixa e sustenta com firmeza as relações internas entre uma palavra e sua aplicação”⁵ (2011, p. 23).

I

Como se dá o significado da nossa linguagem? Essa é a pergunta que

⁴ A virada antropológica que nos referimos aqui não caracteriza uma ciência antropológica no pensamento do nosso filósofo mas um particular modo de conceber as atividades do cotidiano que dizem respeito as ações práticas do homem. É esta concepção que é assumida nessa pesquisa.

⁵ Tradução própria: “Son las prácticas normativas de la comunidad de habla lo que fija y sostiene con firmeza las relaciones internas entre una palabra y su aplicación.”

interessa a Wittgenstein. Na filosofia tractatiana ele responde afirmando a correspondência entre mundo e linguagem, ou seja, a linguagem é uma pintura da realidade. Assim, a estrutura lógico-sintática do mundo está também na linguagem, o que permite falar de um isomorfismo. Esta situação pode ser caracterizada a partir do próprio *Tractatus*:

Utilizamos o sinal sensível e perceptível (sinal escrito ou sonoro, etc) da proposição como projeção da situação possível. O método de projeção é pensar o sentido da proposição. (TLP, 3.11).

O sinal por meio do que exprimimos o pensamento, chamo de sinal proposicional. E a proposição é o sinal proposicional em sua relação projetiva com o mundo. (TLP, 3.12).

A linguagem se articula por meio de proposições que, por sua vez, são nomes relacionados a coisas na realidade. Então, um conjunto de nomes corresponde a um conjunto de objetos dados relacionados entre si e cada um está ligado a um nome, reproduzindo, assim, as possibilidades dos mesmos no mundo. A semântica *tractatiana* diverge da tradicional quando afirma ser a linguagem não só designação e expressão do mundo, mas sua correspondência estrutural entre as expressões categoriais e a realidade material.

Wittgenstein, após a conclusão e publicação do *Tractatus* em 1921 afasta-se da atividade filosófica, uma vez que havia desenvolvido a convicção de que todos os problemas filosóficos haviam sido em seu conjunto resolvidos. No entanto, após esse afastamento, o filósofo percebe que a concepção de significado levada a termo na sua obra primeira não se sustentava⁶. O retorno

⁶ Conta-se que Wittgenstein teria desistido da filosofia do *Tractatus* depois de uma conversa

de Wittgenstein à atividade filosófica a partir de 1929, deixa entrever que o autor assume a concepção de que o significado das expressões da linguagem está vinculado ao seu uso efetivo pelos seres humanos, já que o uso depende das circunstâncias contextuais e não de critérios lógicos universais e absolutamente válidos. Com isso, o filósofo passa a desenvolver uma reflexão procurando apontar equívocos no seu antigo modo de pensar. Sua filosofia, a partir dali, começa a tomar novos rumos e, a pergunta: “como se dá o significado da nossa linguagem?” é respondida por meio de um conjunto de elementos que governam o funcionamento da linguagem. Sendo assim, a concepção de uma linguagem lógico-formal, típica do *Tractatus*, dá lugar a uma linguagem contextualizada, profundamente vinculada ao modo de agir típico do homem.

II

O horizonte da nossa visão de mundo e de apreensão da realidade, bem como o pano de fundo do nosso comportamento são oriundos da nossa competência linguística que se desenvolve em uma comunidade de fala. As práticas, os hábitos e as instituições de uma comunidade são responsáveis pela nossa possibilidade de ação, interpretação dos significados e pela maneira como os outros se relacionam a nós. É a linguagem ordinária, aquela que ocorre no cotidiano, que organiza e produz certos efeitos e consequências

com Piero Sraffa no início dos anos 30. O filósofo ao afirmar que a proposição e o estado de coisas tem a mesma estrutura interna recebe um questionamento do economista: “E qual a forma lógica deste gesto?” (passando as pontas dos dedos no queixo). Ou seja, os gestos correntes numa sociedade têm significados compreensíveis para todos, não possuem estrutura lógica nem relação afiguradora com o mundo. Eles são ações. (Cf. GEBAUER, 2013, p. 65).

convencionais. Em *Observações Filosóficas* lemos:

Os piores erros filosóficos sempre surgem quando tentamos aplicar a nossa linguagem cotidiana – a linguagem física – ao campo do imediatamente dado. [...] Todas as nossas formas de expressão vêm da linguagem do cotidiano, a linguagem física, e não podem ser usadas na epistemologia ou na fenomenologia sem lançar sobre seus objetos uma luz deturpada. (OF, § 57)

Em *Investigações*, a linguagem do cotidiano é uma linguagem entendida numa perspectiva *pragmática*, pois é expressada a partir de objetos, gestos e ações concretas. É a ferramenta que constitui a realidade, o nosso horizonte de ação e a nossa compreensão dos contextos que somos partícipes. De toda forma, o que se pode atingir com ela é um conjunto de especulações gerais sobre seus objetos de estudo. Na filosofia tardia de Wittgenstein, vamos notar que “é um erro afirmar que [...] consideramos uma linguagem ideal em contraste com a nossa linguagem comum” (LA, 1992, p. 62). As entidades eternas e essenciais, da linguagem lógico-formal, deixam o caráter exclusivista nessa concepção wittgensteiniana e passa a ser uma entre inúmeras outras expressões linguísticas possíveis, já que, para o autor, agora, é no movimento do cotidiano e no fluxo da vida que a linguagem adquire seu significado. No texto de *Observações sobre o “ramo de ouro” de Frazer*, podemos notar que:

Quando se toma como natural que o homem se diverte com sua fantasia, então se considera que esta fantasia não é como uma imagem pintada ou como um modelo plástico, mas como uma configuração complicada de componentes heterogêneos: palavras e imagens. Não mais se

colocará então o operar com sinais escritos – e sonoros – como contrário ao operar com “imagens de representação” dos acontecimentos. Nós temos que arar toda extensão da linguagem. (ORD, 2007, p.199)

A ilustração do uso da fantasia pelo homem não é tomada como um elemento rígido e engessado de modo que haja uma imagem pintada, pois nela não encontramos nenhum isomorfismo. A configuração que damos para o significado de uma fantasia obedece às vivências que fazem sentido para quem as utiliza. Então, no caso das fantasias, por exemplo, é preciso abandonar a expressão isomórfica das proposições da linguagem. As expressões da linguagem e do pensamento estão intimamente ligadas e o campo de investigação é vasto a ponto de não ser suficiente apenas um enfoque lógico das mesmas. Sendo assim, o tratamento dispensado à linguagem deve percorrer todas as regiões do pensamento.

Há um estilo antropológico animando os textos na filosofia tardia de Wittgenstein, uma vez que as investigações do filósofo fornecerão “anotações sobre a história natural do homem” (IF, § 415), como aponta em *Investigações*. Contra um etnocentrismo que objetiva formatar apenas uma maneira de compreender o homem, o filósofo defende que este homem existe de diferentes maneiras e em diferentes contextos. Suas considerações sobre a linguagem são tomadas a partir de uma perspectiva antropológica *naturalizada* ao ver o homem em sua situação de cotidiano. Para Bassols, a partir de *Investigações Filosóficas*,

a análise wittgensteiniana da linguagem não é um estudo de linguística, nem sequer um estudo de antropologia linguística, é articular um estudo sobre as condições (biológicas, econômicas,

físicas) do surgimento da linguagem.⁷ (2011, p. 91)

Com isso, o filósofo assume a tarefa de reconduzir a linguagem de seu uso lógico ao uso ordinário. A ação humana é considerada para entender e ver o funcionamento da linguagem. Para tanto, segundo Wittgenstein, é preciso reconduzir “as palavras do seu emprego metafísico para seu emprego cotidiano” (IF, § 116). Trazer o homem para o cotidiano exige um deslocamento de perspectivas: deixa o ideal em vista do *trivial*, passa do essencial ao comum e corriqueiro onde os hábitos e as ações humanas serão os princípios para o significado da linguagem. Com isso, ao nos depararmos com o texto de *Investigações*, podemos localizar inúmeros exemplos de experiências do dia-a-dia que objetivam esclarecer o uso que fazemos da linguagem por meio da constituição do seu significado, por exemplo:

- Comandar, e agir segundo comando
- Descrever um objeto conforme a aparência ou conforme medidas
- Produzir um objeto segundo uma descrição (desenho)
- Relatar um acontecimento
- Conjeturar sobre o acontecimento
- Expor uma hipótese e prová-la
- Apresentar os resultados de um experimento por meio de tabelas e diagramas
- Inventar uma história; ler
- Representar teatro
- Cantar uma cantiga de roda

⁷ Tradução própria: “el examen wittgensteiniano del lenguaje no es un estudio de lingüística, ni siquiera un estudio de antropología lingüística, es decir un estudio sobre las condiciones (biológicas, económicas, físicas) del surgimiento del lenguaje.”

- Resolver enigmas
- Fazer uma anedota; contar
- Resolver um exemplo de cálculo aplicado
- Traduzir de uma língua para outra
- Pedir, agradecer, maldizer, saudar, orar. (IF, § 23)

Em sua formulação, as análises são feitas *a posteriori*, pois Wittgenstein enfatiza que a significação da linguagem se dá no uso e as atenções da filosofia devem estar voltadas para ele. As condições específicas da sua utilização são investigadas e esclarecidas na “gramática” das formas de vida que são os jogos de linguagem” (MORENO, 1993, p. 16). Quando falamos em forma de vida, falamos em acordos, convenções e regras, pois “o sentido da expressão depende inteiramente do modo como a usamos” (LA, 1992, p. 125).

Outro elemento importante, superado por *Investigações*, é um certo modo presente na tradição filosófica para a consideração da linguagem,⁸ aquilo que se convencionou chamar de modo ostensivo. Vemos que, nela, a aprendizagem dos nomes se dá em associação com os objetos, é como se o nome fosse uma etiqueta colada nas coisas para que ao ler um nome soubéssemos exatamente o que a coisa é. Este aprendizado é corroborado pela capacidade de associar uma imagem mental a um objeto, que denota a sua

⁸ Santo Agostinho toma a concepção ocidental de linguagem como uma cópia da realidade. Há uma inferioridade do mundo e do conhecimento do mundo em relação à linguagem. Apenas por meio de uma linguagem perfeita podemos ter expressões perfeitas do mundo. O essencialismo da linguagem presume a existência de uma linguagem perfeita e de conceitos perfeitos. Consequentemente, não há vaguidade nas expressões da linguagem. Por isso que se justifica a citação que Wittgenstein faz no começo das *Investigações* da obra de Agostinho.

expressão. O exemplo mais oportuno dessa perspectiva pode ser encontrada na obra *Confissões*, que apresenta o modo particular de Agostinho conceber a linguagem. Fato este que justifica a referência feita por Wittgenstein na introdução de *Investigações Filosóficas*. Lemos em Agostinho:

Procurava guardar na memória os nomes que ouvia darem às coisas; e vendo que as pessoas, conforme esta ou aquela palavra, se dirigiam para este ou aquele objeto, eu observara e lembrava que a esse objeto correspondia o som que produzia quando queriam mostrar esse objeto. [...] Desse modo, à força de ouvir as mesmas palavras, pelo lugar que ocupavam nas frases, pouco a pouco eu chegava a compreender de que coisas elas eram os sinais. (AGOSTINHO, 2009, p. 26).

Wittgenstein, em *Investigações Filosóficas*, aponta que: “nesta imagem da linguagem encontramos as raízes da ideia: cada palavra tem uma significação. Esta significação é agregada à palavra. É o objeto que a palavra substitui.” (IF, § 1). Ou seja, cada palavra da linguagem tem como referência um objeto no mundo. Essa concepção não será mais privilegiada por nosso filósofo. Outra perspectiva perpassa agora sua filosofia, pois “quando [falamos] da linguagem [devemos] falar a linguagem do cotidiano” (IF, § 120) que é realizada em seu uso ordinário. A linguagem vai constituir-se de significado ao realizar-se na atividade diária do homem em uma cultura. “Todo signo sozinho parece morto. O que lhe dá vida? – No uso, ele vive.” (IF, § 432). A significação das palavras constituir-se-á no uso que fazemos delas, ou seja, na prática dessa linguagem em um modo de vida.

Segundo Child, a abordagem pragmática na concepção da linguagem assevera que “a filosofia deve

abandonar o objetivo de dizer qualquer coisa geral e sistemática sobre a linguagem e as proposições.” (CHILD, 2013, p. 100). A pragmática considera as expressões linguísticas dos falantes dentro do contexto do seu uso. Aqui, Wittgenstein, com as noções de *formas de vida* (modo contextual de forjar as relações entre os determinados grupos) e *jogos de linguagens* (utilizados num determinado contexto e no interior de determinada forma de vida), ajuda na compreensão de que os falantes, em suas expressões linguísticas, utilizam a linguagem como meio para atingir determinados objetivos. E nesse meio, obviamente, há espaço não somente para afirmações lógicas (sintáticas), mas também para proposições que atendam às demandas das *formas de vida*, seja através de convenções e consensos, seja através das variadas necessidades dos falantes que jogam o mesmo jogo de linguagem. A pragmática, especialmente a wittgensteiniana, requer, em primeiro lugar – do ponto de vista metodológico – consideração das palavras no *contexto* do seu uso; *compreensão* das regras utilizadas pelos falantes de acordo com suas formas de vida; assimilação dos jogos utilizados por determinados grupos para compreender palavras, termos e proposições

Para Wittgenstein, a linguagem se realiza em *jogos* específicos. É por meio deles e de suas respectivas regras que algo adquire ou não um significado. Compreender a regra de funcionamento de um jogo é compreender seu uso. Toma-se isso como critério para um entendimento da prática da linguagem e sua compreensão se dá por uma regularidade na ação em um contexto específico. O *jogo de linguagem* e o *seguimento de suas* regras se inserem numa *forma de vida* determinada. A variedade dos jogos permite afirmar que

diferentes olhares podem ser dirigidos a um único objeto.

Essa concepção pragmática da linguagem⁹ nos permite, de certa forma, evidenciar alguns fundamentos antropológicos que caracterizam a filosofia de Wittgenstein a partir dos anos 30. Quando, no texto de *Investigações*, o filósofo afirma: “o que fornecemos são propriamente anotações sobre a história natural do homem”, são as expressões inerentes à condição de humanos e que, ao longo do tempo, vão se constituindo de sentido: sons vocais, posições corporais, gestos, linguagem. A “história natural do homem” será, em outras palavras, o arcabouço cultural da vida humana, ou seja, de sua *forma de vida*.

O enfoque antropológico dado no texto de *Investigações Filosóficas* não resolve nenhuma questão científica sobre o que é antropologia. Os feitos antropológicos do ser humano são ações iluminadas e sustentadas por formas linguísticas carregadas de significado. Com isso, vemos que os conceitos que traduzem as

experiências internas do ser humano (dor, medo, alegria, tristeza,...), nessa perspectiva antropológica, são dados, não por uma causa oculta no *interior*, mas pela possibilidade de significar a linguagem por critérios de conduta (ação) e experiência (aprendizado e técnica).

Considerações finais

O século XX é profundamente marcado pelo pensamento de Ludwig Wittgenstein. Ao olhar para as coisas do mundo, em um primeiro momento, percebe que não pode deixar o homem de lado, pois ele é agente nesse mundo. O mundo o deixa fascinado pela sua incrível diversidade estrutural. O homem, o impressiona pela sua ferramenta de comunicação, a linguagem. Houve um deslocamento de perspectiva no modo de filosofar wittgensteiniano que partiu da lógica e dirigiu-se à antropologia. O que evidenciamos em nosso texto foi que a maneira antropológica abordada pelo nosso filósofo deu-se a partir do seu retorno ao ordinário. O significado da linguagem é dado, então, pelas *regras* que fazemos uso para inserir as palavras na vida dos indivíduos, permitindo, assim, que eles se relacionem com o mundo. A relação *nós* e o contexto, que é um elemento etnográfico, são preponderantes no processo de significação.

Nossos sentimentos, conceitos, emoções estão no emaranhado da vida cotidiana. Ao partilharmos da *forma de vida* esses elementos ganham uma regularidade, tão cara ao nosso intelecto. Tal regularidade se dá pelo nosso pertencimento cultural, pelas nossas relações e vínculos práticos estabelecidos nesse contexto. Isso nos permite sustentar que o escopo dessa perspectiva antropológica se dá por meio de nossa atividade no mundo, ou seja, não existimos nele de maneira neutra. Apesar de nossas instituições

⁹ A concepção de linguagem esboçada tanto no *Tractatus* como nas *Investigações* é tema de inúmeras pesquisas. Alguns especialistas apontam para uma evolução no seu modo de fazer filosofia, outros apontam para uma ruptura e outros, ainda, buscam pontos de encontro entre uma e outra. Adotamos, nessa pesquisa a postura de Gebauer que indica uma evolução na sua linha de pensamento. (Cf. GEBAUER, 2013, p. 185). Para maiores elucidaciones sobre a temática sugerimos: FATTURI, Arturo. Conceito de “jogos de linguagem” nas *Investigações Filosóficas*. In. VALLE, B; MARTÍNEZ, H; PERUZZO, L. (org). **Ludwig Wittgenstein perspectivas**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2012.; GEBAUER, Gunter. **O pensamento antropológico de Wittgenstein**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.; GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998; PERUZZO, L; VALLE, B; O não cognitivismo moral no *Tractatus Lógico-Philosophicus*. In. VALLE, B; MARTÍNEZ, H; PERUZZO, L. (org). **Ludwig Wittgenstein perspectivas**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2012.

sociais serem eminentemente impostas, as práticas sociais individuais dissolvem-se no tecido social que organiza a partir de um reconhecimento dado ao indivíduo que se articula e se torna cúmplice na ação com os demais. A linguagem é a nossa possibilidade de ação e de interação na comunidade e no mundo, pois ela constitui a realidade, a nossa compreensão e a nossa interpretação do contexto social que participamos. Essa perspectiva antropológica que assumimos, em última análise, permite-nos elucidar que é necessário explorar esse espírito de conjunto que enlaça nossas práticas linguísticas para não deixar que as forças de contradição, presentes no mundo contemporâneo, fragmente o nosso espírito de comunidade.

Referências

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 2009.
- BASSOLS, A. T. Wittgenstein: Filosofía de la Antropología y Antropología Filosófica. In: GÁLVEZ, J. P. (Ed.) **Antropología de Wittgenstein: Reflexionando con P. M. S. Hacker**. Madrid: Plaza y Valdés Editores, Universidad de Castilla-La Mancha, 2011.
- BUCHHOLZ, Kai. **Compreender Wittgenstein**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CHILD, William. **Wittgenstein**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- FATTURI, Arturo. Conceito de “jogos de linguagem” nas Investigações Filosóficas. In: VALLE, B; MARTÍNEZ, H; PERUZZO, L. (org). **Ludwig Wittgenstein perspectivas**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2012.
- GEBAUER, Gunter. **O pensamento antropológico de Wittgenstein**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- HACKER, P. M. S. El Enfoque Antropológico Y Etnológico de Wittgenstein. In: GÁLVEZ, J. P. (Ed.) **Antropología de Wittgenstein: Reflexionando con P. M. S. Hacker**. Madrid: Plaza y Valdés Editores, Universidad de Castilla-La Mancha, 2011.
- MORENO, Arley R. **Wittgenstein através das imagens**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- PERUZZO, L; VALLE, B; O não cognitivismo moral no Tractatus Lógico-Philosophicus. In: VALLE, B; MARTÍNEZ, H; PERUZZO, L. (org). **Ludwig Wittgenstein perspectivas**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2012.
- VALLE, Bortolo. **Wittgenstein: a forma do silêncio e a forma da palavra**. Curitiba: Champagnat, 2003.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- _____. **Observações Filosóficas**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- _____. **O Livro Azul**. Rio de Janeiro: Edições 79, 1992.
- _____. **Tractatus Logico-Philosophicus**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008 b.
- _____. Observações sobre o “Ramo de Ouro” de Frazer. In: Revista Digital AdVerbum: V. 2, nº 2, p. 186-231, 2007. Disponível em: <http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbum/Vol2_2/observacoes_ramo_de_ouro.pdf>. Acesso em 20.05.2015.

Recebido em 2015-09-30
Publicado em 2016-04-15